

Ulysses fica, mas a campanha vai mudar

RUY FABIANO

Não será ainda desta vez que a candidatura de Ulysses Guimarães sairá do ar. Apesar do fiasco constatado nas pesquisas e da desastrosa estratégia eleitoral concebida para o candidato, o PMDB não pretende, por enquanto, procurar outro nome. A informação é do deputado Genebaldo Correa (BA), vice-líder do partido e hoje um dos mais próximos assessores de Ulysses. "Vamos com ele até o fim", garante.

Segundo ele, a campanha sequer começou. Portanto, o PMDB estaria errando dentro do prazo, sem que esses eventuais equívocos representem tragédias incontornáveis. Pode ser. O certo é que algo de novo está previsto para ocorrer já, dentro do staff de Ulysses. "Possivelmente, teremos mudanças profundas na estratégia da campanha", opina Genebaldo. Que mudanças são essas ninguém arrisca adiantar.

CONTRADIÇÕES

Em fins de maio, Ulysses visitou, no Rio, o diretor-presidente da Rede Globo, Roberto Marinho. O assunto: apoio a sua candidatura. Buscou, ao longo da conversa — de mais de uma hora — sensibilizar o empresário, de cuja boa vontade dependeria (segundo a mitologia sucessória), o abre-te sêzamo para o segundo turno.

Marinho, segundo se sabe, não se convenceu das chances de Ulysses, embora tenha procurado dissimular seu ceticismo. Ao que se informa, continua apostando nas candidaturas Fernando Collor e Mário Covas. Ulysses, de qualquer maneira, está longe de ser *persona non grata* ao império Globo. O curioso, nisso tudo, não é propriamente a posição de Marinho, já esperada, mas a de Ulysses.

Após buscar apolo da mídia, passou em seguida a evitá-la. Recusou, seguidamente, convites para aparições em programas populares (como Hebe Camargo e A Praça é Nossa), disputados por outros candidatos, deixando também de participar do debate de anteontem, da Rede Bandeirantes.

"O dr. Ulysses concebeu uma estratégia: visitar todas as bases do País, antes de entrar no ar. Até aqui, já visitou 10 estados. Somente depois, cuidará da mídia. Ele quer, antes, engajar o partido na campanha", explica Genebaldo.

Se era essa a idéia, não parece ter dado certo. Segundo dão notícia alguns governadores — além de Alvaro Dias e Miguel Arraes — as bases do PMDB estão em debandada, em direções diversas: uns com Collor, outros com Covas, outros com Brizola. O erro do dr. Ulysses, aparentemente, foi ter tratado uma eleição solteira como se fosse geral. "O dr.

Ulysses confia excessivamente na máquina do partido".

GOVERNO

Pior mesmo é quando busca negar seu envolvimento com o governo Sarney. Miguel Arraes acha que seria mais proveitoso (além, óbvio, de mais ético) Ulysses reconhecer sua participação na primeira fase do governo, explicando as razões de seu apoio e, a seguir, as razões do rompimento. Ele, entretanto, insiste em que o envolvimento seria apenas aparente em função de ter sido presidente da Câmara e do PMDB.

No bojo das mudanças previstas para a candidatura Ulysses, consta a de remover nomes de sua assessoria e de aproximá-lo mais da mídia. E ainda: arranjar um discurso definitivo em relação a suas relações recentes com o governo Sarney. A opinião predominante é que Ulysses deve situar-se como fiador da transição democrática, em nome da qual teria feito o "sacrifício" de apoiar Sarney.

Seja como for, a candidatura conviverá por longo tempo com pressões contrárias — a maioria sugerindo sua renúncia e a coligação com o senador Mário Covas, do PSDB. E essa, também, ao que se sabe, a opinião do presidente da Fiesp, Mário Amato, e do diretor-presidente da Rede Globo, Roberto Marinho.